

Coleção IAB de Seminários Internacionais

COBERTURA DA EDUCAÇÃO PELA MÍDIA: MELHORES PRÁTICAS

LynNell Hancock



Cobertura da educação pela mídia: melhores práticas
Copyright © 2013 by Instituto Alfa e Beto

Equipe Editorial

Autora: LynNell Hancock

Coordenação editorial: Micheline Christophe

Tradução e entrevista: João Batista Araujo e Oliveira

Revisão editorial: Iris Campos (iW Comunicação)

Fotografia, capa e diagramação: Samuel de Paula

Foto de capa: <http://bit.ly/12pGykJ>

Direitos reservados ao Instituto Alfa e Beto.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem o consentimento por escrito do Instituto.

INSTITUTO ALFA E BETO

SCS Quadra 04 Bloco A nº 209, Sala 303

Ed. Mineiro - Brasília - DF

CEP: 70.304-000

Fone: 0800-940-8024

Site: www.alfaebeto.org.br

E-mail: iab@alfaebeto.org.br

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Coleção IAB de Seminários Internacionais

COBERTURA DA EDUCAÇÃO PELA MÍDIA: MELHORES PRÁTICAS

Apresentação e entrevista de LynNell Hancock no V Seminário Internacional IAB, Cobertura de Educação pela Mídia: melhores práticas, realizado pelo Instituto Alfa e Beto, de 18 a 21 de março de 2013, no Rio de Janeiro, em São Paulo e Brasília.

LynNell Hancock



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Quando a educação é notícia/Quando a notícia é educação
João Batista Araujo e Oliveira 07

ENTREVISTA

com LynNell Hancock 11

Anexos..... 37

Sobre LynNell Hancock 42

Sobre o IAB..... 43



JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA
Presidente do Instituto Alfa e Beto -
IAB

Quando a educação é notícia/ Quando a notícia é educação

João Batista Araujo e Oliveira

O jornalista e o lead

“Cachorro mordeu a moça” não dá manchete. Manchete seria “moça mordeu o cachorro”. Todo foca de jornalismo ouviu de seu superior, nas redações, algo parecido com isso a título de orientação na busca por uma boa matéria – uma boa história, com o lead no lugar certo. Por acreditar que a área de educação é uma usina de notícias que, se bem contadas, além de serem de extrema utilidade pública, captarão a atenção dos leitores, o Instituto Alfa e Beto decidiu partir para uma ação inovadora: promover um seminário para jornalistas com foco em educação. Mais ainda, trabalhar para levar a educação para as manchetes dos jornais – não com escândalos, mas com boas práticas e bons resultados!

O Instituto Alfa e Beto tem como missão promover o uso de evidências científicas como critério para elevar a qualidade das políticas e práticas da educação. Isso também se aplica à qualidade do debate. Ninguém melhor do que LynNell Hancock, uma das mais respeitadas jornalistas norte-americanas, especializada na cobertura da educação, para dar esse passo inicial. LynNell é também professora e diretora do curso de mestrado para formar jornalistas setoriais para educação da Universidade de Columbia, a melhor escola de formação de jornalistas dos Estados Unidos.

No total, cerca de 120 jornalistas – de diferentes veículos da imprensa (imprensa, eletrônica e agências) – participaram, em abril de 2013, de quatro eventos realizados em São Paulo (2 rodadas), Rio e Brasília. Foram dois seminários in-house e dois eventos abertos, que constituíram o V Seminário Internacional do Instituto Alfa e Beto. Até então, nossos encontros estiveram focados no público mais diretamente envolvido com a área de educação, contando sempre com a presença de especialistas de ponta.

Na era em que a Internet revolucionou a prática jornalística e o cotidiano das mídias convencionais, é um verdadeiro desafio diário repensar o papel do jornalismo, do jornalista e, especialmente, dos jornalistas setoriais de educação. Sobre isso LynNell dedicou seu tempo e o debate com os profissionais brasileiros.

Como leitor e educador, compartilho da frustração dos jornalistas setoriais a respeito da qualidade da cobertura da educação no Brasil e do seu status na mídia. Educação na primeira página, só quando há escândalo.

Levantamentos já realizados sobre o tema comprovam que a esmagadora maioria das notícias sobre educação não passam de press releases editados. O contraditório raramente encontra-se presente. Quando existe, é quase sempre apenas para constar. Depoimentos de especialistas são cotejados ou esviados pela versão oficial ou com opiniões superficiais, como se não houvesse hierarquia entre palpite, opinião informada e opinião fundamentada. O jornalismo investigativo é raro. E o debate, praticamente inexistente. As razões para tanto são conhecidas – falta de formação, agências não contratam jornalistas especializados, falta de tempo, peso, pressão das mensagens oficiais, e por aí vai.

A educação é antes de tudo, algo extremamente complexo. É difícil cobrir educação. Os índices, os indicadores, os sistemas de avaliação, os debates, os economistas que entram direto nesse debate com um linguajar nem sempre compreensível ao comum dos mortais, as fontes de financiamento - entender o Fundeb é um pesadelo para alguns - , as metodologias, as epistemologias, as ideologias que se insinuam com cara de teorias - enfim, esta é uma área que exige muito preparo. Esta talvez seja a maior contribuição do livro, preparar jornalistas para uma área muito complexa, porém fundamental.

A presente publicação surgiu das conversas que mantive com LynNell ao longo do primeiro semestre de 2013, desde o convite para vir ao Brasil até a revisão final do texto aqui apresentado. Focada no convite, ela queria saber sobre o Brasil, a educação no Brasil, a mídia, a cobertura jornalística em nosso País, as pessoas com quem iria se encontrar.

Busquei aprender como ela sobre como ajudar os jornalistas a promover boas e melhores coberturas, aprofundando assim o debate em educação. Durante a semana em que LynNell aqui esteve, conversávamos longamente após cada sessão, registrando o que mais havia capturado o interesse e a atenção dos jornalistas com quem nos encontrávamos. As perguntas iam surgindo, os tópicos iam aflorando.

O resultado, abaixo, é um conjunto de ideias, exemplos de melhores práticas e até conselhos de uma experiente profissional sobre como colocar a educação nas manchetes e nas primeiras páginas da imprensa. Nas notas de rodapé, inseri informações técnicas para facilitar a compreensão e contextualizar algumas observações feitas pela entrevistada.

Ao final da entrevista o leitor encontrará vários exemplos de artigos, entrevistas, reportagens e livros que ilustram os diversos conceitos apresentados pela entrevistada ao longo do texto.

Como dito, esta é uma primeira iniciativa do Instituto Alfa e Beto na área do jornalismo. Contamos com o feedback do leitor para definir novas formas de colaboração com os editores e profissionais que se dedicam ao problema número 1 da sociedade brasileira – a educação de nossa gente.



Entrevista com LynNell Hancock

por João Batista Araujo e Oliveira,
Presidente do Instituto Alfa e Beto

1. A educação é tema importante para as pessoas?

LynNell Hancock.: Nick Lemann, autor do livro *The Big Test* e atual decano da nossa escola de jornalismo da Universidade de Columbia, costuma dizer que todos os dias cerca de metade da população norte-americana frequenta algum prédio escolar. Nessa conta incluem-se alunos, professores, administradores, funcionários, construtores, supervisores, observadores, políticos, líderes religiosos, provedores de serviços e – espero – jornalistas também. Todos eles são potenciais leitores de notícias.

Há uma clientela enorme de pessoas interessadas no que acontece na educação, porque a educação situa-se no centro da vida cívica nacional, de muitas maneiras. Mas os editores parecem ignorar esse fato.

Nos bairros pobres, a escola pública frequentemente é a instituição mais importante e estável, porque proporciona bons empregos, oferece espaço para eventos culturais, cívicos ou políticos, para a reunião de diferentes grupos da comunidade. Encarna a esperança de que as crianças de origem pobre sairão dessa condição, transformando-se em cidadãos participantes contributivos de suas comunidades. O processo significa não apenas a possibilidade de aprender linguagem e matemática, mas de melhorar a alimentação, saúde e ter proteção.

Os sentimentos dos pais de crianças de classe média em relação às escolas são igualmente fortes. Eles identificam escolas boas como instrumento de mobilidade social e possibilidade de retornos econômicos.

Famílias abastadas possuem mais opções e certamente são menos dependentes da escola pública local. Nos Estados Unidos, há alguns poucos distritos escolares¹ que tentam mesclar as diferentes origens sociais, de forma a proporcionar a todas as crianças o benefício da mistura de raças e classes sociais e de forma a evitar que algumas escolas colapsem financeiramente tendo que custear a pobreza. Mas na maioria dos casos, as escolas urbanas norte-americanas são altamente segregadas².

Mesmo a vida daquelas pessoas que não têm filhos em idade escolar é afetada pelas escolas de seus bairros, cidades e de seu país, sejam estas péssimas ou excelentes. Basta observar que, se uma escola local é muito boa, essa realidade atrai um público crescente disposto a adquirir imóveis e/ou alugar apartamentos na vizinhança, fazendo, com isso, que suba o valor dos imóveis³. Se as escolas de um país são consistentemente boas, isso significa que sua população tem chance maior de se tornar educada, empreendedora, e irá participar mais ativamente do crescimento econômico da nação. É quase impossível sustentar uma democracia saudável, quando uma parcela substancial da população é deixada para trás. Uma das razões pelas quais os Estados Unidos ainda se arrasta com resultados medíocres nos testes do PISA se deve ao grande número de pessoas que ainda vivem na pobreza, e cujos filhos frequentam escolas em áreas pobres, segregadas por classe e raça, e excluídas da atenção da mídia⁴.

1 Nos Estados Unidos, a educação é organizada em Distritos Escolares. Há mais de 16 mil distritos, os quais gozam de ampla margem de autonomia a partir de regulamentações estaduais e financiamento local. O Ministério da Educação não tem papel ativo nas escolas – alguns governos criam programas aos quais estados, escolas e distritos podem ter acesso.

2 Tipicamente, na maioria das cidades norte-americanas, especialmente as maiores, há concentração de população mais pobre no centro e os estratos mais ricos nas periferias. Isso também significa uma segregação em termos de grupos raciais e étnicos.

3 Na maioria dos estados norte-americanos, o financiamento da escola pública é baseado no IPTU da região de sua localização, o que cria enormes diferenças entre elas. Alguns estados possuem mecanismos de equalização (do tipo FUNDEB).

4 Os Estados Unidos são o país desenvolvido com maior nível de desigualdade social, cerca de 30% da população é considerada pobre pelos padrões locais. Outro fator que afeta fortemente os resultados em testes como o PISA é a proporção de imigrantes que ainda não dominam o idioma de forma adequada. Apesar disso, os resultados dos Estados Unidos no PISA situam-se próximos

Nós Estados Unidos fazemos um mau trabalho na educação como um todo.

Já as pessoas das classes sociais mais elevadas e os políticos encontram-se numa posição mais confortável, mas precisam ser lembrados de que a educação de qualidade é importante para o sucesso econômico de todas as crianças, inclusive as deles. É aí que entra o jornalismo. Nossas histórias, tecidas uma a uma, proporcionam um meio de lembrar esses fatos aos políticos e às elites. Se o senso de justiça social e o senso moral inato não são suficientes - e frequentemente não o são -, então o jornalista deve procurar outras formas de chamar a atenção para a importância da educação.

2. No Brasil, como nos EUA, a agenda da educação está nas mãos de atores políticos. Como isso afeta a cobertura da educação? Contribui para aumentar a miopia ou distorcer os fatos?

L.H.: O maior erro da mídia é cobrir um tema a partir da agenda oficial, dos press-releases dos governos, do que vem de cima para baixo. Não se pode cobrir educação como tema estritamente político. No cotidiano, os jornalistas telefonam para seus interlocutores no governo e esperam que o funcionário ou gestor lhes diga qual é a pauta, qual a notícia. Com isso em mãos eles tratam como notícia o release oficial. Procuram uma fonte habitual do campo contrário apenas para garantir uma ou duas citações polêmicas. Fim de papo. Com isso, a mídia perde a chance de estabelecer conexões reais entre a política pública em questão com pesquisas que possam existir sobre o tema ou mesmo perdem a chance de analisar como essa política ou orientação repercute ou irá repercutir na sala de aula.

Raríssimos são os jornalistas que acompanham um tema para saber se a decisão foi implementada e se está funcionando. Tudo é esquecido muito rapidamente. O público fica com a impressão de que algo deve estar acontecendo nas escolas, mas não tem informações para acompanhar ou avaliar o que está acontecendo de fato. Esta é a forma mais fácil de jornalismo – de cima para baixo – e a menos útil para os leitores.

à média dos países da OCDE e inúmeros estados alcançam resultados comparáveis aos dos países de melhor desempenho.

3. *A senhora poderia exemplificar seu raciocínio?*

L. H.: Meu exemplo preferido para ilustrar a distorção de fatos refere-se a uma conferência de imprensa convocada pelo Prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, logo no início de seu primeiro mandato. Ele anunciou uma “guerra à promoção automática”, ou seja, a prática de aprovar alunos sem ensinar-lhes praticamente nada.

Bloomberg apareceu na coletiva rodeado por jovens que, disse ele, não sabiam ler de forma apropriada à sua série escolar, e declarou que isso não iria continuar a acontecer. Propôs adotar a política de reprovação e repetência, com base em testes padronizados, que seriam aplicados em determinadas séries escolares. A maioria dos jornalistas presentes escreveu artigos sem maior ceticismo, dizendo que o auto-declarado “Prefeito da Educação” estava começando com o pé direito.

O problema é que décadas de pesquisa mostram que reprovar e reter as crianças pode fazer mais mal do que bem. Pior ainda, seu antecessor na Prefeitura, Rudy Giuliani, declarou a mesma guerra oito anos antes. Ou seja: os adolescentes que Bloomberg usou na foto eram a prova cabal de que a proposta que ele estava apresentando como nova não apenas não era nova, como não havia funcionado!

Praticar o oposto disso resulta em melhores histórias em quase 100% dos casos. Ou seja: fazer reportagens de baixo para cima. Agir assim ajuda o jornalista a entender os temas a partir de uma perspectiva mais ampla e profunda. Por exemplo, consideremos uma história identificando o caso de uma escola que permita examinar o assunto com lentes de aumento, independentemente da discussão política. Observar e compreender todos os aspectos em que essa nova política afeta ou irá afetar a vida de um aluno. Examinar a proposta face ao currículo global da escola, a capacidade do diretor destinar recursos para o novo programa. Fazer a cobertura de baixo para cima irá resultar numa história que conecta a poderosa verdade emocional - o lado humano - com as políticas em questão. Isso dá informação valiosa para os formuladores de políticas. E isso proporciona ao público uma informação muito mais rica.

4. Se o foco não pode ser o press-release da agenda oficial, como tratar a educação?

L.H.: Misturando focos. Não deve haver um, mas vários focos. Por exemplo, uma nova legislação ou programa relacionado com jovens delinquentes podem ser examinadas à luz da educação – ilustrando o fenômeno numa escola com altas taxas de criminalidade juvenil. Conte a história de um aluno, situe o programa no terreno da escola e no contexto de uma política mais ampla.

Jornalistas podem fazer o mesmo com a economia. Uma história de emprego ou desemprego de um jovem pode se basear numa escola – por exemplo um programa de formação profissional voltado para um determinado problema ou comunidade. Isso também pode se dar no âmbito da ciência – os achados de um novo estudo sobre como funciona o cérebro dos jovens pode ser situado num determinado município, examinando como as práticas pedagógicas reforçam ou colidem com as novas evidências sobre o funcionamento do cérebro dos jovens. E assim por diante. Sem falar num sem número de projetos de jornalismo investigativo que podem ser examinados a partir de diferentes óticas.

5. Na prática, não é o que acontece!

L.H.: De fato. Os jornais tradicionalmente organizam a cobertura jornalística em torno de temas-chave: política, cultura, internacional, saúde, ciência, educação, economia e negócios, religião, crime, serviços. As organizações mais sólidas possuem jornalistas para cada área – o que assegura conteúdo intelectual e continuidade histórica. Este é um primeiro passo para assegurar a profundidade da cobertura numa empresa jornalística. Mas o que costuma acontecer é que esses temas acabam competindo por espaço. E, no geral, crime, política, economia e conflitos internacionais ganham a batalha, porque são consideradas “notícias de verdade”, o núcleo “duro” do jornalismo: lidam com fatos quentes, imediatos, há ganhadores e perdedores. Tudo isso casa naturalmente com a fórmula da boa cobertura jornalística.

Já educação, saúde e religião, por exemplo, não costumam gerar manchetes bombásticas no dia-a-dia. São encaradas áreas “perifé-

ricas”, quando, ao contrário, são temas complexos e cheios de nuances. A educação não é uma área isolada do conhecimento, mais adequada para as páginas de “estilo e vida” do que para a primeira página. Ela está intimamente conectada com a economia, política, crime, política internacional, religião, cultura ou saúde. Por isso, advogo que os melhores jornalistas deveriam ser escalados para cobrir essas temáticas e de forma interconectada a outras áreas do conhecimento.

Meu principal argumento é que cobrir nosso mundo é adotar um enfoque mais integrado em cada história. As notícias ficarão mais ricas. Assim, repórteres de economia deveriam ser treinados para desvendar o ângulo educacional das histórias que eles escrevem. O mesmo vale para quem cobre os negócios, a ciência, a tecnologia, entre outras áreas. Uma colaboração maior poderia contribuir para ampliar o espaço de conversação entre os diversos temas, como já expliquei na pergunta anterior.

6. Como levar, então, a educação para a primeira página das publicações?

L.H.: Como jornalista setorial e como professora de jornalistas, meu principal objetivo é trazer a educação para as primeiras páginas, para o topo das notícias, que é onde a educação deve estar. Uma forma de fazer isso é aproveitar-se de alguma iniciativa que chame a atenção e trazê-la a público sob uma nova perspectiva.

Outra forma consiste em fazer uma pergunta totalmente diferente, levar a discussão para outro plano, mudar o tema. Editores podem decidir que um assunto é relevante mesmo que os políticos e responsáveis pela educação não estejam atentos ao tema. Por exemplo, seguindo cada criança que morre ou que é morta numa determinada região relevante para os leitores, e a partir daí explorar as circunstâncias em que isso ocorreu, como parte de um esforço para entender as raízes da violência. Isso foi exatamente o que ocorreu numa série de reportagens publicadas no jornal *Chicago Tribune*.

Veja, por exemplo, o título de um livro que foi retomado anos depois: *A pré-escola já é tarde demais*. Há enorme quantidade de pesquisas oriundas da psicologia, neurociência e das ciências

políticas e sociais que um bom jornalista pode trazer à tona e examinar velhos temas com um novo olhar – como esse da Pré-Escola. E não existe nada mais pungente do que histórias que nos envolvem com a vida das crianças.

Outro caminho já trilhado e bastante eficaz para chegar às primeiras páginas consiste em devotar energia e recursos para o jornalismo investigativo. É falsa a ideia de que a educação não se presta a esse tipo de jornalismo. Educação pública é um negócio de grande vulto. É crucial para a economia de um país. Bilhões de recursos públicos vão para as escolas. Há interesses públicos e privados em usar as escolas como mercados, venda de tecnologia, programas de treinamento, alimentação. Siga o dinheiro – público e privado. Focalize em que o dinheiro é gasto, como é gasto, quais são os resultados, e o qual seria o benefício social se não houvesse dinheiro para uma determinada atividade. Em outras palavras, se o dinheiro público é usado para aumentar as horas de funcionamento da escola, por exemplo, o que têm a dizer os cientistas sociais a respeito dos eventuais benefícios disso? Quais seriam as consequências se isso não ocorresse?

Esta é a marca registrada do jornalista numa sociedade livre – ser o olho independente sobre o governo e as instituições poderosas que afetam nossas vidas. Atualmente, chamamos a isso de “jornalismo responsável” (accountability journalism), e este é um movimento que deve incluir a educação como tema com uma frequência muito maior do que ocorre.

7. Nesse contexto em que o jornalista adota um foco ampliado, quais são os ingredientes de uma boa cobertura jornalística?

L.H.: Há um aspecto importante a acrescentar: a cobertura da educação apresenta desafios gigantescos. Os jornalistas precisam adquirir muito conteúdo e muitas competências. Eles precisam de recursos adicionais, de acesso às escolas, o que nem sempre é fácil. E para tanto precisam do apoio de instituições e grupos de defesa de certos direitos. A área é extraordinariamente complexa e é usualmente tratada de forma marginal. São necessários muitos recursos e criatividade para, primeiro, entender os aspectos da educação e, depois disso, identificar novas formas de contar as histórias.

Jornalistas que trabalham com educação precisam ter um conhecimento razoável dos instrumentos de medida usados em educação – testes padronizados, instrumentos de observação, estatística básica, e um conhecimento operacional sobre o debate existente sobre esses instrumentos. Eles precisam conhecer algo sobre desenvolvimento infantil para poder entrevistar crianças de forma eficaz e para saber se determinadas práticas que observam nas escolas são apropriadas para alunos de determinadas idades. Além disso, precisam conhecer o contexto – a história da educação e a evolução do ensino em seus países – bem como as instituições de pesquisa mais relevantes e os estudos que podem ser úteis para o seu trabalho. Ademais, devem ter sensibilidade aguçada para lidar com questões éticas delicadas, quando tratam de problemas como crianças e pais em situação de risco, de forma a não causar danos desnecessários aos seus informantes ou personagens de suas histórias.

8. A senhora sempre acentua que os “jornalistas enxergam o mundo como uma série de histórias e que a educação é uma mina de ouro para garimpar boas histórias para contar.” Como identificar boas histórias no mundo da educação?

L. H.: Uma boa história é aquela que atrai a atenção do leitor, da mesma forma que um grande escritor esculpe uma imagem poderosa, uma história fascinante, um fato ou ideia surpreendente. Se é uma história que atrai o noticiário, irá chamar a atenção apresentando o fato principal logo de saída. Se é um artigo sobre uma nova ideia ou uma nova política, este guiará o leitor ao longo da história descrevendo uma cena, ou introduzindo um personagem-chave.

Jornalismo sério é jornalismo sério, não importa o tema. A matéria deve ser escrita com clareza, sem jargão, costurada em torno de um único tema, e apoiada em evidência sólida. Tecer uma história significa costurar uma verdade factual profunda com uma verdade emocional igualmente profunda. Boas histórias sobre educação fazem uso, de um lado, de pesquisas, políticas, dados e opinião de especialistas que defendem os vários lados de uma questão. O texto deve pulsar com as vozes, paixões e realidades das crianças, professores, pais, defensores, membros das comunidades etc. O jornalista que evita as vozes das crianças corre um alto risco.

É fácil identificar bons repórteres que cobrem a educação. Suas histórias estão embebidas nos conhecimentos sobre como as crianças aprendem. Eles são céticos a respeito do uso de testes como único instrumento para avaliar a aprendizagem. E demonstram compreensão sobre quão importante é apoiar histórias em chão firme, na realidade das escolas e comunidades onde essas políticas acontecem, relacionando criativamente crianças e professores com as políticas que vêm de cima. Em outras palavras, boas histórias mostram que o jornalista fez o seu dever de casa e não está apenas reproduzindo o jargão dos especialistas ou repetindo, como um papagaio, a sabedoria convencional.

Cito como exemplo uma história publicada no *Chicago Tribune* a respeito de uma nova política federal que permitia que crianças de escolas decadentes fossem matriculadas em instituições de padrão. O lead partiu da história de um personagem: “Rayola Victoria Carwell está sentada num banco de madeira na sala do diretor

e cruza os braços em torno do estômago para acalmar o frio na barriga. Ela ajeita a perna de sua calça jeans favorita, bordada de margaridas roxas, que passou com perfeição às 6 horas da manhã. É o primeiro dia de aulas, e é a primeira vez que seu filho de 9 anos colocou o pé na Escola Stockton” (Stephanie Banchemo, Chicago Tribune, 2004). A repórter analisou a política acompanhando as experiências dessa criança de 9 anos. As conclusões a que chegou são muito mais complexas e profundas do que os formuladores dessas políticas poderiam imaginar.

Enviados às escolas mais pobres, bons repórteres certamente voltarão com fortes razões para interessar seus leitores. Uma história que mostra como o futuro das crianças pobres afeta a saúde do país e da economia como um todo é uma boa forma de estabelecer conexão com os leitores. Estatísticas sobre o mercado de trabalho constituem bons indicadores. Por exemplo, uma reportagem centrada nos que abandonam ou concluem o Ensino Médio de uma escola pobre pode ser montada tendo como referência as taxas de desemprego para jovens, ou os custos crescentes dos serviços de assistência ou os custos da segurança pública ou dos presídios. Outro indicador é a média de salários dos vários grupos – com Ensino Médio incompleto, completo, curso técnico ou superior.

9. Se, como a senhora diz, vigora uma certa miopia nos editores em não priorizar a educação, como reverter isso?

L.H.: Não se pode subestimar a paixão e o interesse com que muitos leitores reagem a uma boa cobertura de assuntos que envolvem educação. E certamente bons editores naturalmente se renderão às boas histórias. Assim, a melhor forma de convencer editores de que a educação é um tópico central é ter jornalistas que escrevam histórias interessantes, que chamam a atenção do público leitor. Uma reportagem recente sobre como as crianças aprendem a escrever ganhou o prêmio National Magazine Writing. Uma história sobre o desafio de estudantes pobres permanecerem na universidade ficou durante semanas na lista de maior número de comentários por email do New York Times.

Os jornalistas podem identificar o que interessa mais aos seus editores. Se ele gosta de artigos que denunciam os desperdícios do governo, você sempre encontrará material abundante em contratos de alimentação, construção, vendedores de tecnologias para escolas etc. Se no caso de o interesse for por questões que afetam a indústria e mão-de-obra, o jornalista pode escrever matérias sobre perdas de emprego ou falta de profissionais em razão da falta de escolas de qualidade ou ao abandono escolar no Ensino Médio. E por aí vai.

O segredo é o seguinte: garanta que suas matérias conectem o cotidiano à vida na escola e na sala de aula. Nunca se esqueça do coração da matéria. Isso vai distingui-las como matérias de educação, e vai lhes dar vida e cor. Se suas matérias são suficientemente boas, os editores vão aos poucos descobrir que no final das contas a educação é assunto sério, e matérias sobre educação não devem ser relegadas ao caderno “estilo” ou “cotidiano”.

10. *Que estratégias específicas a senhora sugere para melhorar a qualidade de trabalho jornalístico em educação?*

L.H.:

a) Elaborar a partir da evidência. É preciso dar uma visão balanceada das diferentes perspectivas, mas é necessário analisar e concluir. Há vários exemplos de coberturas mal feitas nos Estados Unidos, como por exemplo, a disseminação de informações incorretas e incompletas sobre promoção automática, avaliação de professores com base em evidências precárias, ou mesmo nem casos de falsificação de resultados. Veja o caso do efeito Mozart. Um grupo de neurobiólogos realizou um estudo com alunos universitários que estavam fazendo um teste de QI. O grupo A fez o teste nas condições normais. O grupo B ouviu músicas de Mozart durante a prova, e teve resultados ligeiramente superiores apenas nas medidas de QI especial. Este resultado foi traduzido na mídia como “bebês ficarão mais inteligentes se ouvirem Mozart durante a gravidez e nos primeiros dias de vida”. A partir daí surgiu uma enorme, lucrativa e inócua indústria. Não era verdade.

b) Fazer perguntas diferentes.

c) Fazer perguntas que não estão na agenda oficial, nos press releases.

d) Tentar mudar a agenda, estabelecer a pauta ao invés de seguir o que dizem as fontes oficiais.

e) Dar pelo menos o mesmo espaço para coberturas feitas a partir das escolas e a partir de fontes oficiais. Quanto maior a experiência do jornalista com o que acontece dentro de diferentes tipos de escolas e crianças, mais conhecimento e colorido ela pode trazer para o seu trabalho e para as perguntas que ele faz.

f) Comentar a partir de diferentes perspectivas, dar voz a diferentes interlocutores.

g) Informar-se a respeito dos elementos que fazem a educação ser de boa ou má qualidade, lendo, conversando com especialistas, analisando as pesquisas. Um jornalista é um estudante eterno – esse processo nunca termina.

h) Compreender o que está por trás dos testes educacionais – como os testes são elaborados, o que eles se propõem a medir, o que eles efetivamente medem. Qual a diferença entre o PISA – um teste baseado na capacidade de aplicar conhecimentos – de testes como os do TIMMS, baseados no conhecimento das disciplinas avaliadas e o NAEP (que é o equivalente do SAEB). Qual a diferença entre um teste baseado numa amostra aleatória, como o NAEP (National Assessment of Education Progress) e um teste padronizado como o SAT (Scholastic Achievement Test). Isso ajudará o jornalista a explicar os rankings e resultados de forma mais adequada⁵.

⁵ PISA (International Program for Student Assessment, promovido pela OCDE e aplicado a cada dois anos numa amostra de estudos dos países participantes. São aplicados testes de linguagem, matemática e ciências, em anos diferentes. TIMMS – Trends in International Mathematics and Science Study (Estudo sobre as tendências internacionais em Matemática e Ciências) desenvolvido e aplicado num consórcio de países. NAEP – National Assessment of Student Progress, um teste semelhante ao SAEB aplicado em amostras de alunos nos Estados Unidos). O SAT (Scholastic Achievement Test) é um teste aplicado a alunos no final do Ensino Médio e avalia a capacidade de raciocínio verbal – uma variável que é forte preditor de êxito no Ensino Superior. Atualmente, existem também testes com conteúdos de disciplinas aplicados pela mesma instituição que desenvolveu o SAT.

i) Não ignorar as pesquisas. Procurar novas histórias nas pesquisas que são publicadas. Obter um conhecimento razoável sobre como avaliar se um questionário ou um estudo científico possui validade e confiabilidade⁶. Falar diretamente com o autor da pesquisa, sempre que possível. Procurar outros tipos de pesquisa comparáveis para poder ter uma boa percepção a respeito do que esse novo estudo está adicionando. O episódio sobre o efeito de Mozart mostra como esse cuidado é importante. Este é um lembrete a respeito do que acontece quando ninguém olha para a metodologia empregada nos estudos e fica hipnotizada pelos seus resultados. A pesquisa sobre Mozart nada tinha a ver com bebês e, no entanto, levou um governador do Estado do Colorado a implementar uma política em torno dessas falsas conclusões. Este lembrete enquadra-se no título geral “por que pessoas inteligentes acreditam em bobagens”.

j) Questionar tudo. Se os órgãos do governo falam sobre testes e usam testes para avaliar professores, por exemplo, relate o que eles estão fazendo. Mas ao mesmo tempo pergunte-se: quem está pensando de outras maneiras sobre avaliação de professores? Vamos fazer uma história sobre isso! Ou, como no caso da repórter Nancy Solomon, do *NPR (National Public Radio)*, que analisou o debate sobre a redução da distância do desempenho de alunos de diferentes classes sociais, não como medido pelos testes, mas sob a lente das diferenças culturais, de classe social e raça. Isso resultou numa peça extraordinária de radiojornalismo chamada *Mind the Gap* (trocadilho que poderia ser traduzido como cuidado com o desnível), e que ajudou o público a entender a diferença de desempenho de forma muito mais rica.

⁶ Nota do Editor: Validade e confiabilidade são termos técnicos utilizados para avaliar características de testes psicológicos e educacionais. Testes devem ter validade interna e validade externa. Validade externa refere-se à possibilidade de generalizar as conclusões de um estudo em função da amostra estudada. Validade interna refere-se aos critérios usados para a escolha dos sujeitos de uma amostra. Numa pesquisa rigorosa, a escolha deve ser aleatória, entre outros critérios. Confiabilidade refere-se ao grau de confiabilidade estatística dos resultados, ou seja, à probabilidade que resultados de um estudo não se devam a erros de medida ou de qualquer natureza. A maioria dos estudos experimentais deve ter níveis de confiabilidade superiores a 90%, e isso depende da forma como é desenhada a amostra. Nos últimos anos, a educação vem adotando o conceito de Educação Baseada em Evidências – originalmente desenvolvido para validar práticas comprovadamente eficazes no setor de saúde. Existem várias organizações que fazem revisões sistemáticas de estudos científicos e apresentam relatórios sobre temas específicos. Algumas dessas instituições calibram o nível de rigor dos estudos e a confiabilidade das conclusões. O leitor encontrará referências a algumas dessas organizações ou sites no Apêndice.

k) Questionar as estatísticas. Estatísticas são tentadoras, é fácil acreditar que números representam a verdade. De fato, números podem ser manipulados e a maioria o é. Autoridades educacionais divulgam resultados de testes e ranqueamento de escolas e esperam que os jornalistas não irão fazer questionamentos. Eis um exemplo assustador: as autoridades escolares da Cidade de Nova York, recentemente, divulgaram um estudo sobre ranqueamento de professores – ao lado do nome de cada professor aparecia sua nota. A nota foi baseada em resultados de testes padronizados de linguagem e matemática aplicados aos alunos. As notas foram ordenadas – de maneira que havia um professor no topo e um na base. Os jornalistas correram atrás da professora que havia tirado a pior nota e publicaram sua foto nos jornais – essencialmente dizendo que ela era ineficaz. Tivessem os jornalistas visitado a escola em que ela trabalha ou analisado em profundidade as estatísticas, eles teriam concluído que ela era uma professora extremamente eficaz e muito valorizada na comunidade onde atua. Seus alunos pertenciam a um grupo de alta vulnerabilidade e a nota que ela tirou foi baseada nos resultados do desempenho de 11 alunos recém-imigrados, que não dominavam o inglês e com base nas notas de apenas um ano. Em outras palavras: a evidência era um lixo.

l) Apoiar suas histórias na realidade. Isso implica trazer as vozes dos pais e das crianças para suas histórias, sempre que possível. Ajuda não apenas a conectar as histórias ao coração da matéria, mas também a tornar as histórias mais vívidas e interessantes para o leitor.

11. Como pode um jornalista adotar novas perspectivas? Que experiências podem ajudá-lo a ampliar o seu enfoque?

L.H.: É necessário reconhecer quando você precisa mudar de cenário, mudar sua visão de mundo. Às vezes, nos esquecemos de que há outras formas de ensinar e de administrar as escolas – diferentes daquelas a que estamos acostumados. Uma boa maneira de fazer isso é olhar para o que ocorre em outros países, especialmente países que estão no alto da escala educacional.

O PISA deu uma inestimável colaboração nesse sentido. Eu abri os meus olhos para novas formas de analisar a educação quando

fiz reportagens sobre o sucesso educacional da Finlândia, há algumas anos⁷. O sistema nacional de educação finlandês é um exemplo concreto de como a educação pode ser redesenhada e repensada, de cima para baixo. Não se trata de uma teoria. Este caso ajuda a identificar possibilidades. A Finlândia desenvolveu um modelo híbrido de controle nacional e promoveu uma autonomia quase total dos professores na sala de aula. Não é um sistema baseado em testes, é um sistema baseado na confiança. Esse caso nos fornece oportunidade para fazer perguntas diferentes, novas maneiras de pensar a respeito da organização e funcionamento de escolas.

12. Quais são os limites para o ativismo do jornalista? Há jornalismo independente?

L. H.: A educação é afogada em controvérsias. Por exemplo, currículos podem ser taxados de conservadores ou liberais. Ensinar a história como uma série de líderes é considerado conservador. Ensinar história social como uma série de movimentos é considerado liberal. Falar de método fônico é considerado conservador. Construtivismo é tido como liberal. Mas a realidade nunca é ou isso ou aquilo.

O fato de se usar o método fônico para alfabetizar as crianças não exclui a necessidade de ler livros para crianças: a dicotomia é falsa. No entanto, as “guerras de métodos” dominaram o cenário da educação na década de 50⁸. Os jornalistas em parte são responsáveis, porque nós jornalistas gostamos de uma boa guerra. Mas a metáfora de guerras geralmente leva a níveis perigosos de desinformação.

Outro exemplo é o debate entre tamanho de classes e a qualidade de professores. Por que não ambos? Os liberais são identificados com os argumentos a favor de classes menores, ao passo que os tecnocratas nos Estados Unidos estão do lado da qualidade dos professores. É um debate ridículo.

⁷ Nos anexos encontram-se referências a vários trabalhos jornalísticos citados pela entrevistada, inclusive o seu trabalho sobre o sistema educacional da Finlândia.

⁸ O tema dos métodos da alfabetização, já superado no resto do mundo, ainda é objeto de controvérsias no Brasil, apesar de todas as evidências sobre a questão. O leitor interessado pode consultar o trabalho da Academia Brasileira de Ciência sobre o tema Aprendizagem Infantil – Uma abordagem da neurociência, economia e psicologia cognitiva. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2011. Coordenador do grupo de trabalho: Aloisio Araujo.

Neste momento, no meu país, a ideia de usar testes, demitir maus professores e estimular “charter schools”⁹ é uma agenda identificada com os reformadores tecnocratas, empresários, economistas e filantropos. Eles se autodenominam reformadores da educação. Quem discorda deles é rotulado de antirreformista ou pró-sindicato. Esta é uma maneira eficaz de ocupar espaços e obter visibilidade, mas reduz a argumentação e distorce a informação. Jornalistas não precisam ficar repetindo esses rótulos como marionetes.

A razão para eu mencionar esses exemplos é uma forma de mostrar que o jornalista tem um papel mais importante, de elevar-se por cima da turba. É importante que, como jornalistas, nós saibamos identificar nossos vieses, para poder compreendê-los e afastá-los de nosso caminho tanto quanto seja humanamente possível fazer. Jornalismo de qualidade precisa ser independente em relação a todos os lados. Temos enorme liberdade para escrever numa sociedade livre, e, portanto, precisamos usar essa liberdade de forma responsável.

Entendo que, no Brasil, desenvolver a autoestima é uma agenda política identificada com determinados grupos. Isso também ocorreu nos Estados Unidos, quando o debate era entre “autoestima” e “rigor”. Por que tudo tem que ser sempre cunhado na forma do ou isso ou aquilo?

O papel do jornalista é explicar as polêmicas, ficar acima delas e acrescentar uma nova compreensão. E não engajar-se num ou noutro lado. Jornalistas respeitados precisam trabalhar duro para ser uma voz confiável – alguém que assegura equilíbrio e razoabilidade ao debate. O diapásio do jornalista deve ressoar com integridade, não alinhando-se com um lado político ou outro. Quando o jornalista é identificado como liberal ou conservador, de direita ou esquerda, ele perde sua credibilidade.

⁹ Charter school é um tipo de financiamento público de escolas privadas muito comum em países como Chile e Estados Unidos. O governo estabelece regras e os interessados se apresentam. Normalmente, o pagamento é fixado pelo governo com base no número de alunos e a escola não pode cobrar taxas extras. Nos Estados Unidos, o tema é muito politizado - o grupo mais identificado com a ala conservadora defende as charter schools e os identificados com a liberal se opõem à ideia. As avaliações sobre o impacto dessas intervenções são muito díspares: sempre depende do contexto da implementação.

13. *Jornalista: uma missão impossível? Mudar o mundo ou registrar o que está acontecendo?*

L.H.: Apesar de parecer clichê, muitos jornalistas acreditam que suas reportagens vão ter um impacto no mundo, positivo, naturalmente. E por que não? A profissão é dura. Portanto, o incentivo para mudar o mundo é um motivador importante. Jornalistas esperam que seu trabalho faça diferença. Os jornalistas que se dedicam à educação tendem ser mais idealistas no lado humano da vida. É preciso uma forte dose de paixão e dedicação para fazer esse trabalho bem feito. Seu idealismo nunca deve obstruir a busca da verdade, mas ele acrescenta um senso de urgência e dá um coração às suas matérias.

É um toque importante em vários sentidos, são histórias que impactam a mente das pessoas e dos legisladores. Jornalistas que não temem a complexidade da cobertura em educação costumam ser respeitados pelos colegas. As realidades da sala de aula e das vidas dos alunos e professores são tão misteriosas, e infinitamente interessantes para todos. Eles são centrais para o papel que a democracia desempenha numa sociedade. São essenciais para compreender a condição humana – como as pessoas aprendem e pensam. E são centrais para a saúde econômica de um povo.

14. *Quais são os principais erros que um jornalista pode cometer, e como evitá-los?*

L.H.: Já falei sobre os riscos de fazer reportagens “de cima para baixo”, de confiar exageradamente nas fontes oficiais e seus press releases para definir a pauta e o que é notícia. Mencionei também a tendência perigosa de fomentar dicotomias que reduzem discussões complexas a uma guerra disso ou daquilo. Também falei sobre os perigos da preguiça – de não consultar fontes, investigar os fatos, analisar pesquisas, de não aprofundar a discussão fazendo perguntas percucientes, furtar-se de reportar algo que pode ter impacto na sala de aula.

Também tratei do jargão, que é o flagelo de jornalistas que cobrem esta área. Professores, pesquisadores, advogados – todo profissional tem o seu jargão. Eu costumo dizer para meus alunos que mi-

nha sala de aula é um território livre de jargões, ali o seu uso é proibido. Eu aciono alarmes quando eles se esquecem disso. Conheço alguns editores que mantêm um vidro de jargões na sua mesa, e que cobram um dólar a cada vez que um jornalista usa um jargão durante uma conversa com ele.

Alguns jargões são tão sutis que é difícil reconhecê-los como tais. Há pouco, mencionei o termo “reformador da educação”. Hoje, este é um termo carregado politicamente. Outro é o “desnível de desempenho”, um termo usado para tratar das disparidades entre notas de um teste. Esse termo vem sendo substituído por outro, “desnível de oportunidade”, associado aos liberais e mais focado na diferença entre classes sociais. Jargões e clichés são frases que de tão repetidas acabam perdendo o sentido.

15. Jornalistas devem ser céticos a respeito de tudo, especialmente de testes para medir aprendizagem. Mas não foi exatamente o resultado dos alunos do PISA que a levaram a se interessar pela Finlândia?

L.H.: Um dos maiores problemas da cobertura jornalística da educação é o uso ingênuo de resultados de testes padronizados. Nos Estados Unidos, confundimos testes com aprendizagem durante tanto tempo que hoje é difícil dizer qual a diferença entre eles. Nós chegamos até a avaliar antes de ensinar.

O problema não está nos testes, mas em como eles são usados e entendidos. Há enorme ignorância sobre os diferentes tipos de teste, o que eles medem, o que eles deveriam medir e quanto não deveriam ser usados. Testes adquiriram uma importância mítica. E eles nos tornam preguiçosos. É muito fácil usar um resultado de testes para balizar um argumento, para organizar uma tabela comparando escolas ou municípios. Quem não adora uma lista das 10 melhores e das 10 piores escolas?

O resultado disso é que o leitor comum passa a presumir que os resultados dos testes dizem tudo que precisamos saber sobre a capacidade de leitura de uma criança, e, conseqüentemente, da capacidade de um professor de ensinar a ler, da capacidade de uma escola de fazer o seu papel. Nos Estados Unidos, escolas são fechadas em função de seus resultados em testes padronizados. Os salários dos

diretores podem aumentar ou diminuir em função disso. Os resultados das escolas em testes como o SAT são usados por corretores imobiliários (mude para nossa cidade ou região porque nossos escores no SAT são os maiores!!!) E os jornalistas repetem esses exageros sobre os escores como se eles fossem realidades em si.

A verdade é que testes padronizados nos dizem algo, sem dúvida. É necessário usar testes, inclusive para evitar que escolas se desviem muito dos padrões esperados. Mas é importante que os jornalistas entendam que testes mostram apenas um pedaço da paisagem, eles dizem apenas alguma coisa sobre o que as criança aprendem, como aprendem e o que seja uma boa escola.

A confiança exagerada em resultados de teste nos permite ignorar uma miríade de outros aspectos que podem afetar a aprendizagem: pobreza, saúde, condições da família, qualidade dos professores, ação dos diretores. Ela tira da pauta a discussão sobre a necessidade de usarmos um elenco maior de instrumentos de avaliação, que incluem registros, observações de professores, produtos dos alunos e, também, resultados de testes. Ela transforma os jornalistas em pessoas preguiçosas, falsos mensageiros quando usamos um único número e dizemos: esta é a verdade, isso é tudo que você precisa saber sobre a qualidade da educação.

Muitos jornalistas não têm a menor ideia – e o público leitor menos ainda – que há uma diferença entre um teste de língua que todos alunos fazem numa escola e um teste padronizado aplicado por uma Secretaria ou Ministério de Educação. Muitos não têm ideia de quão fácil é manipular os escores, como isso leva a diluir o ensino, a focar o ensino no teste, e assim por diante. Há bons e maus testes. Um bom teste é elaborado por especialistas em psicometria, que calibram testes nos ítems até que eles sejam comprovadamente confiáveis e válidos. Itens de baixa qualidade são descartados. Os melhores testes não são aqueles aplicados ao universo de alunos, e sim os que são feitos de maneira amostral¹⁰.

10 No Brasil é praticamente inexistente a presença de especialistas em psicometria nas agências responsáveis pela elaboração de testes. Com isso, as “matrizes” usadas para elaborar testes não possuem requisitos básicos que caracterizam um bom teste – e que se chama a validade de construto, ou seja, se um teste mede efetivamente aquilo que ele pretende medir. A Provinha Brasil é um caso típico – como não há uma definição clara do que seja alfabetizar, não sabemos o que o teste mede. O ENEM é outro teste que padece do mesmo problema. Os testes que avaliam o conhecimento

Quanto ao PISA – este é um animal totalmente diferente. É um teste de conhecimento aplicado – ele avalia habilidades num nível mais profundo. Não mede a memorização simples de fatos, mas a compreensão mais profunda do que eles significam e de como eles podem ser usados no dia-a-dia. Na fritada dos ovos, os jornalistas não devem se apoiar num único número ou indicador para concluir sobre o que seja uma boa escola, um bom aluno ou um professor competente. É preciso apoiar-se em múltiplos indicadores.

16. Como distinguir a opinião de um verdadeiro especialista de uma pessoa que apenas tem ideias firmes a respeito do valor disso ou daquilo?

L.H.: Nós jornalistas somos tão bons quanto nossas fontes. Devemos estar sempre em guarda quando conversamos com especialistas charmosos, articulados, acessíveis. Não podemos esquecer de desafiá-los. Chamo isso de “síndrome do suspeito habitual” – damos voz a um pequeno grupo de especialistas ou grupos muito vocais por que eles sempre respondem aos nossos chamados – e deixamos que eles dominem a conversa. É um risco da profissão.

Mas desafiar suas posições não significa que temos que apresentar uma visão diametralmente oposta e depois dizer que apresentamos os dois lados e fizemos uma reportagem equilibrada. É preciso mais do que dois parceiros para dançar o tango, no nosso ramo. É preciso falar com os especialistas até que você se convença de que falou com os mais respeitados e mais confiáveis. Depois disso, é hora de você analisar os fatos. E você só pode fazer isso, se fez o dever de casa, se explorou o assunto a fundo. O que não significa que tem de apresentar um lado contra o outro.

E tem mais: análise não significa opinião – que é algo totalmente diferente. Análise significa que você, como jornalista, está acrescentando informação que ajuda a dar sentido ao debate, e que isso não decorre de sua posição pessoal sobre o tema, e sim, de uma reportagem não tendenciosa.

de disciplinas específicas sofrem menos com isso, mas nem por isso seriam considerados confiáveis por critérios estatísticos usados universalmente. Apesar dos avanços do Brasil na área da avaliação, a qualidade psicométrica de nossos testes é extremamente frágil. O mesmo se aplica aos itens que são usados para comparar testes reaplicados ao longo de vários anos, como os testes da Prova Brasil.

Não quero dizer, em nenhum momento, que jornalistas devem incluir suas opiniões nas matérias que escrevem. De jeito nenhum. Opinião se dá em artigos. Mas cabe ao jornalista analisar. Opinião e análise são coisas totalmente diferentes. No entanto, não podemos viver sob o mito da objetividade. Ninguém pode se dizer totalmente objetivo. Se disser, estará mentindo. Todo mundo tem um quadro de referência, e por isso mesmo é importante ter esse quadro bem presente na mente para poder afastá-lo quando ele puder contaminar nossas análises.

Preciso acrescentar duas notas de rodapé a esse comentário. Primeiro, eu evito usar a palavra “especialista” numa reportagem. Prefiro dizer quem é a pessoa, o que ela faz ou fez. Por exemplo, “Eva Juarez é neurocientista da Johns Hopkins University” ou “Maria Ojito, professora de física há 22 anos”. Deixe o leitor decidir se ele confia ou não no chamado especialista. Segundo, você nunca pode dizer que um estudo em ciências sociais prova alguma coisa. Estudos nessa área no máximo sugerem algumas descobertas. Não estamos no terreno das ciências exatas.

17. O futuro do jornalismo e das novas mídias – qual o seu impacto na cobertura da educação?

L.H.: Sou muito otimista a respeito do futuro do jornalismo, que para mim está se transformando num novo fenômeno. Passei muitas noites contando quantos empregos foram perdidos nos últimos anos por meus amigos que trabalhavam em empresas de comunicação nos Estados Unidos, e me sentia muito mal. No princípio, a web parecia um lugar em que os padrões foram abandonados, no qual as notícias estavam se tornando mais notícias do que fatos. Para a minha geração, continua o banho de sangue das demissões nas salas de redação. O modelo de negócio está mudando, o jornalismo vai saindo do papel para os meios digitais de distribuição. Mas a poeira está começando a baixar, e vejo algumas mudanças positivas. Sites alternativos estão pipocando, oferecendo jornalismo de qualidade, artigos longos, jornalismo investigativo etc. – coisas que não existiam antes. Deixe-me citar dois exemplos interessantes de Nova York.

Um deles é ***GothamSchool.org***, um serviço de notícias hiperlocal, com foco apenas em notícias sobre educação, financiado por ONGs. Esse site é de baixo custo operacional: eles têm uma equipe de poucos profissionais altamente treinados com amplos conhecimentos na área. Esse site proporcionou um salto gigantesco na qualidade da cobertura em educação para os leitores locais. Recentemente, expandiu-se para incluir um serviço similar em Denver, no Colorado e estão tratando de entrar em Newark (NJ) e Houston, no Texas. As possibilidades são incontáveis.

O outro é o ***Hechinger Report***, que é um serviço de notícias online que publica artigos longos, investigando temas educacionais de interesse nacional. Ele é financiado com recursos de ONGs – é o que chamamos de modelo de jornalismo sem fins lucrativos – e é sediado pelo Teachers College. O lado negativo é que isso exige uma atividade constante de busca de financiamento. Não há publicidade. Eles não vendem produtos, mas oferecem peças inteiras de jornalismo e serviços de consultoria para outras organizações da área de mídia. A qualidade das reportagens é excepcional, e eles já ganharam vários prêmios nacionais – o que também foi o caso do ***Gotham.Schools.org***. O fato é que, antes do ***Hechinger Report***, não existia lugar para esse tipo de jornalismo.

Acho que os jornalistas do setor irão aprender como usar as ferramentas tecnológicas, para atrair mais atenção para esse campo. Ferramentas como visualização de dados constituem uma forma fantástica para apresentar números, vídeos e som podem ser embebidos em histórias, trazendo o leitor diretamente para a sala de aula para ver e ouvir professores e crianças – a linha da vida.

18. Qual seu trabalho na Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia?

L.H.: Tenho duas responsabilidades na Universidade de Colúmbia. Sou professora no curso de pós-graduação em jornalismo, no qual ensino reportagem geral, oriento teses e organizo um seminário sobre cobertura da educação. E também sou diretora do programa *Spencer Fellowship for Education Journalism* (www.spencerfollows.org). A cada ano escolhemos três bolsistas com base na qualidade dos projetos que eles apresentam. Esses projetos incluem algo que eles vão escrever, que tenha relevância sobre educação e que envolva a participação deles em cursos fora da Escola de Jornalismo.

Fico muito contente que nossa escola tenha incluído a cobertura da educação no seu currículo (www.coveringeducation.org). Mas infelizmente poucos jornalistas se interessam por essa área. O curso tem quatro partes:

Parte 1. Um seminário voltado para o contexto da aprendizagem – a história da educação nos Estados Unidos vista pelo prisma dos movimentos sociais e temas correntes em educação, Neste momento, isso inclui as “charter schools, violência, currículos e educação de imigrantes, por exemplo. Convidamos como palestrantes jornalistas que cobrem a educação, professores de educação, políticas públicas, diretores de escola e especialistas em estatísticas e métodos de pesquisa.

Parte 2. Instrumentos para o jornalista especializado em educação: como usar pesquisas; entendendo testes patronizados; desenvolvimento infantil e técnicas para entrevistar crianças.

Parte 3. Imersão dos jornalistas em escolas públicas durante um dia por semana ao longo de um semestre, para aprender como uma escola funciona, identificar fontes e desenvolver ideias para matérias.

Parte 4. Trabalho individual, que inclui uma reportagem, duas coberturas, um projeto, diversos blogs publicados no site da faculdade (school-stories.org) e também no site do **GothamSchools.org**. Em 2013, por exemplo, os alunos fizeram a cobertura de quase uma dúzia de audiências públicas a respeito de escolas que estavam para ser fechadas pelas autoridades escolares. Investimos muito tempo no debate, fazendo coberturas sobre cada

escola, desenvolvendo um perfil e elaborando uma longa matéria para o *GothamSchools.org*.

Além disso, no meu tempo livre, escrevo reportagens, histórias e estou trabalhando no meu próximo livro.

19. Com base na sua semana de trabalho no Brasil, encontrando-se com quase uma centena de jornalistas das várias organizações no Rio, São Paulo e Brasília, quais as suas sugestões para apoiar o trabalho desses jornalistas?

L.H.: Durante minha breve e produtiva visita ao Brasil, fiquei impactada pela importância que deveria ter a cobertura jornalística da educação e não tem. A educação deveria estar nas primeiras páginas, deveria ser parte das notícias econômicas. Dado que a economia brasileira continua se expandindo rapidamente, o perigo é concentrar a atenção nos casos e pessoas de sucesso, e se esquecer dos que são deixados para trás.

Educação é o motor para a equidade social. O que acontece ou deixa de acontecer na educação repercutirá nos próximos anos. Até o momento, o compromisso das empresas de mídia com a educação é superficial, nos melhores casos. Ouvi de muitos jornalistas que eles estão carentes de recursos e de treinamento de forma a fazer um trabalho mais bem instrumentado e mais profissional.

Algumas coisas podem ser feitas. Primeiro, ONGs, organizações privadas e universidades deveriam apoiar programa de desenvolvimento profissional semelhante ao *EWA.org*, para proporcionar, de forma regular, recursos, especialistas, ajuda para coberturas, seminários e outras atividades. O importante é que essas organizações sejam não-partidárias. Elas não podem ser controladas por qualquer organização que iniba o jornalismo independente. E não podem participar do processo editorial.

Outra contribuição de ONGs e grupos de militância na educação é o de descobrir o ritmo e as tendências das várias organizações de comunicação com capacidade de cobrir bem a educação e sugerir histórias que sejam adequadas à sua política editorial e ao seu ciclo de notícias. Cabe a essas instituições proporcionar aos jornalistas recursos para ajudá-los a se conectar de maneira fácil e rápida com

boas informações.

Segundo, os editores poderiam proporcionar seminários para os jornalistas de suas organizações a respeito de como ler e analisar estudos científicos, dados, aprofundar-se em tópicos específicos – enfim, promover miniseminários em áreas que serão objeto de cobertura pelos jornalistas.

Terceiro, muitas mudanças vêm de baixo para cima, e neste caso, jornalistas empreendedores podem propor reportagens sensacionais que nenhum editor irá rejeitar. O poder das próprias histórias poderia mudar a atenção dos editores para a educação. Quanto mais os jornalistas se tornarem envolvidos nisso, melhores as perspectivas para essa área. Os jornalistas podem desenvolver projetos que envolvem múltiplos olhares – reportagens sobre educação que incluam um foco de negócios, artes, ciência etc.

Finalmente, ir ao campo e fazer muitas matérias sobre o que ocorre nas escolas. É aí que estão as histórias que nunca foram contadas, e que vão saltar aos olhos de um jornalista atento. A educação é um campo vasto, um território inexplorado, à espera de um grande jornalismo.

Anexos

A - Artigos da autora que ilustram alguns dos temas tratados nesta publicação:

1. Uso de testes: “Tested: Covering Schools in the Age of Micro-management”:

http://www.cjr.org/cover_story/tested.php?page=all

2. Decisão de publicar ou não pesquisa com ranqueamento de professores:
http://www.cjr.org/behind_the_news/the_press_and_standardized_tes.php

3. Como jornalistas usam e abusam da linguagem:

<http://www.businessinsider.com/lynnell-hancock-education-finland-2012-1>

4. Entrevista de radio de LynnNell Hancock falando sobre seu trabalho em: <http://www.blogtalkradio.com/columbiajournalism/2008/11/20/lynnell-hancock>

5. Uma das reportagens especiais de LynnNell:

“Por que as escolas da Finlândia são bem sucedidas? - Como os avanços desse país estão impulsionando outras nações a fazerem o dever de casa”

<http://www.smithsonianmag.com/people-places/Why-Are-Finlands-Schools-Successful.html> - revista Smithsonian

B- Exemplos de como identificar um tema e encontrar uma escola para ilustrá-lo. Os dois documentários radiofônicos fazem perguntas novas sobre um tópico antigo:

Gun violence and kids:

Alex Kotlowitz, Harper High, This American Life series: <http://www.nytimes.com/2013/02/24/opinion/sunday/the-price-of-public-violence.html>.

Cultural differences and the achievement gap, uses research well:

Nancy Solomon, Mind the Gap: <http://www.nancysolomon.com/mindthegap/>

C- Nova perspectiva numa história de interesse permanente:

New take on an evergreen story:

NewYork Times Series: A System Divided: <http://www.nytimes.com/2013/01/13/education/in-one-school-students-are-divided-by-gifted-label-and-race.html?pagewanted=all>
Interactive Map: http://www.nytimes.com/interactive/2012/05/11/nyregion/segregation-in-new-york-city-public-schools.html?_r=0

Sarah Garland: Camden, NJ, when the industry fell apart, the schools not far behind http://hechingerreport.org/content/poverty-and-education-reform-and-those-caught-in-the-middle_6100/

D- Análise profunda de uma reportagem sobre currículo com base em dados:

Indepth curriculum story using research:

Peg Tyre, The Writing Revolution, Atlantic Monthly: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2012/10/the-writing-revolution/309090/>

E- Reportagem investigativa que ilustra o uso criativo de dados:

Atlanta Journal-Constitution investigative series on test cheating: (Heather Vogell) <http://www.ajc.com/s/news/school-test-scores/>

F- Reportagem sobre testes, usando um enfoque sistêmico e não uma escola individualmente.

Dana Goldstein, Test Generation, The American Prospect <http://prospect.org/article/test-generation>

G- Análise de tendências nacionais usando técnicas de noticiário e de jornalismo investigativo:

Stephanie Simon cobre o setor da educação a partir de uma perspectiva nacional para o *Reuters News Service*, com um olhar analítico agudo e um senso profundo de narrativa. Ela identifica as tendências recentes e as relaciona com políticas nacionais e faz perguntas difíceis: Qual a motivação subjacente a esse proposta? Qual a conexão entre aos objetivos e a implementação desta política específica? Em outras palavras, ela conseguir atingir o que foi prometido? Quem está pagando por isso? Como essa política se materializa no campo, nas escolas e salas de aula? Na vida das pessoas? Celebidades do mundo das reformas educativas, como Michelle Rhee, ex-superintendente das escolas do Distrito de Columbia são examinadas de formas que ninguém faz na mídia. Stephanie Simon recentemente ganhou o maior prêmio nacional de cobertura setorial da ewa.org:

<http://www.edmediacommons.org/group/awards2012/page/beat-reporting-in-a-large-newsroom-first-prize-stephanie-simon-re>

H- Análise de coberturas regionais:

Sarah Carr elaborou uma série de reportagens para o *Hechinger Report* sobre problemas educacionais no ensino básico no Sul dos Estados Unidos. Essas reportagens ilustram o uso criativo de ideias, como fazer conexões de maneira equilibrada entre raça, negócios e salas de aula concretas

<http://www.edmediacommons.org/group/awards2012/page/beat-reporting-in-a-education-only-newsroom-first-prize>

I- Cobertura local:

Este exemplo ilustra conexões entre política estadual e as realidades locais, bem como o bom uso de dados e um ponto de vista cético sobre as políticas:

<http://www.edmediacommons.org/group/awards2012/page/beat-reporting-in-a-small-newsroom-first-prize-jacqueline>

J- Organizações profissionais:

Education Writers Association www.ewa.org

O site abaixo leva a uma coleção de guias acompanhados por discussões na web organizados pela *ewa.org* a respeito de ferramentas básicas para cobertura da educação, tais como entrevistas com crianças, análise de dados, visita as escolas, como encontrar novos ângulos numa situação familiar.

http://www.ewa.org/site/PageServer?pagename=events_webinars

Hechinger Institute – another professional organization based at Columbia University:

<http://hechinger.tc.columbia.edu/hechingerreport.com> (the online publication)

Spencer Fellowship for Education Journalism: www.spencerfellows.org

My covering education course: www.coveringeducation.org

L- Livros recomendados:

Gerald Bracey: *Reading Education Research: How to Avoid Getting Statistically Snookered*

Peg Tyre, *The Good School: How Smart Parents Get Their Kids the Education They Deserve*. (She synthesizes the research for the average reader. Good chapter explaining standardized test scores)

Dan Willingham: *When can you trust the experts: How to tell bad education science from good*

Sarah Carr: *Hope against Hope: Three Schools, One City, and the Struggle to Educate America's Children* (first-rate example of marrying the polemical national policy debate with great narrative journalism)

Sobre LynNell Hancock

LynNell Hancock é jornalista e escritora especializada em políticas públicas educacionais voltadas para as famílias e a infância, assuntos sobre os quais leciona na Escola de Jornalismo da Universidade Colúmbia desde 1993. É também diretora da Sociedade Spencer de jornalismo e Educação, um programa que apoia jornalistas em meio de carreira para que estudem em Colúmbia e produzam trabalhos jornalísticos significativos em temas de educação.

Ela colabora atualmente no *The New York Times*, na *Newsweek* e na *Columbia Journalism Review* e já integrou as equipes do *New York Daily News*, *The Nation*, *Newsweek*, *The Village Voice* e *Smithsonian Magazine*, onde cobriu temas de educação nacional e local. LynNell já atuou no Conselho Consultivo Nacional de Bolsas de Estudo em Jornalismo focado em Políticas para Infância e Família e no Instituto de Políticas para a Família e Infância da Universidade Colúmbia.

É autora de *Mãos ao trabalho*, sobre a vida de três famílias beneficiárias da previdência social em Nova York (2002), e colaborou nas seguintes obras *O prefeito da América* (2005) e *O assalto do poder público às crianças americanas: pobreza, violência e injustiça juvenil* (2000). Hancock tem mestrado em idiomas do leste asiático e literatura e mestrado em jornalismo, ambos da Columbia University.

Sobre o Instituto Alfa e Beto

O Instituto Alfa e Beto é uma instituição não-governamental sem fins econômicos. Atua em duas faixas – a promoção de políticas públicas baseadas em evidências e a implementação de programas específicos de intervenção em redes públicas de ensino.

Na promoção de políticas públicas, o Instituto realiza um Seminário Internacional a cada ano, trazendo ao Brasil especialistas renomados para apresentar evidências científicas e melhores práticas sobre temas de relevância para o País. O Instituto Alfa e Beto também influi no debate público sobre educação, por meio de artigos, participação em grupos de trabalho – como da Academia Brasileira de Ciências - entrevistas em e publicações sobre aspectos pertinentes à sua área de atuação.

O Instituto Alfa e Beto tem duas prioridades: a Primeira Infância e a Alfabetização das crianças.

Na área da **Primeira Infância**, atua em parceria com municípios na implementação de políticas e programas adaptados a cada realidade. O Instituto Alfa e Beto também criou a Universidade da Primeira Infância e a Universidade do Bebê, com cursos voltados para pais e cuidadores. O programa de coaching para formação de professores tutores é implementado por uma equipe de 10 psicólogos e se baseia na metodologia CLASS.

Em 2013, o Instituto Alfa e Beto está consolidando parcerias com diversos municípios, entre os quais Boa Vista (RR), Petrolina (PE), São José do Ribamar (MA), Teresina (PI), instituições privadas como o BG-Group e, com o SESI, está desenvolvendo um programa de avaliação institucional.

O Instituto Alfa e Beto também criou a Biblioteca do Bebê e o Guia dos 600 livros que toda criança deve ler antes de entrar para a escola.

O Programa Alfa e Beto de Alfabetização, com mais de 10 anos de existência, já contribuiu para alfabetizar mais de um milhão de crianças em todo o país e capacitar milhares de professores no uso de estratégias e métodos eficazes. É o único programa de alfabetização que sempre se sobressaiu como o mais eficaz em todas as avaliações externas a que foi submetido. Todos os programas do Instituto são baseados nos princípios do ensino estruturado e fundamentados em evidências científicas.

O IAB atua em todo o Brasil, abrangendo redes estaduais e municipais de ensino e conta com uma equipe de dezenas de colaboradores em mais de 10 importantes cidades.

Para mais informações consulte o site do IAB www.alfaabeto.org.br ou escreva para o seu presidente joão@alfaabeto.org.br.